

A MENINA DO CHOCOLATE

Francine Christophe, nasceu em 1933, no ano em que Hitler tomou o poder na Alemanha. Eu me lembro que aos 8 anos de idade, tinha que usar uma estrela no peito, como todos os judeus da França naquela época.

No campo de Bergen Belsen aconteceu algo extraordinário. Eu me lembro que éramos filhas de prisioneiros de guerra, logo éramos privilegiadas e tivemos a oportunidade de levar da França uma pequena bolsinha com algumas coisinhas pequenas: um pouquinho de chocolate, um pacotinho de açúcar, um punhadinho de arroz. Minha mãe levou 2 pedacinhos de chocolate. Minha mãe disse: "Isto vai ser para quando eu a vir realmente, completamente, acabada, no chão. E este chocolate vai te ajudar a se reerguer."

Entre nós havia uma mulher deportada que estava grávida, quase não se via a pobre mulher de tão magra que estava. Mas chegou o dia do parto e ela foi à enfermaria com a minha mãe, que era nossa chefe de barraca. Antes de saírem minha mãe me disse: "- Você se lembra que eu tenho um pedaço de chocolate?"

- Sim mamãe, eu lembro. E a mãe perguntou:

- Como você se sente, minha filha?

- Muito bem, respondeu a menina.

- Então, se me permitir, vou levar aquele chocolate para a nossa amiga Helene. Um parto aqui, nestas condições... Ela pode morrer. E o chocolate vai dar a ela alguma força, um pouco de alegria, talvez ajude...

- Sim, mamãe, claro que sim.

Helene deu a luz a um bebê... uma coisinha pequenininha, magrinha. Ela comeu o chocolate... e não morreu. Ela voltou à barraca... e o bebê nunca chorou. Durante todo o período que estivemos lá, nunca ouvimos o bebê chorar. Nunca! Nem um gemido!

Seis meses depois aconteceu a Libertação. Tiraram-se todos os trapos que lhe serviam de roupas, e o bebê chorou, pela primeira vez... Como um grito de liberdade! Foi como se ele naquela hora, o bebê tivesse nascido.

Nós o levamos para a França, aquela coisinha de seis meses, minúscula. Faz muitos anos...

Há alguns anos atrás, minha filha me disse:

- Mamãe, se vocês tivessem tido psicólogos ou psiquiatras, quando voltaram, teria sido mais fácil? Eu respondi:

- Sem dúvida que sim, mas não havia. Se tivesse tido... Ninguém teria pensado nisto?

Mas, você me deu uma grande ideia. Vamos fazer uma conferência sobre isto.

Eu organizei uma conferência sobre o seguinte tema: Se tivesse tido psicólogos quando voltamos dos campos de concentração, como teria sido?

Veio muita gente. Idosos, sobreviventes, curiosos, muitos psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas. Muito interessante. Cada qual tinha uma ideia sobre o assunto, foi ótimo.

Aí uma mulher, veio e me disse:

- Eu moro em Marselha, eu sou médica psiquiatra, e antes de fazer minha comunicação, tenho algo a dar a Francine Christophe, ou seja, a mim. Ela procurou no bolso, e pegou um pedaço de chocolate e o entregou a mim, e disse:

- Eu sou o bebê.

Uma doação mínima, por menor que seja, pode fazer muito por alguém que necessita. Pode representar uma esperança no futuro, pode sugerir que nem tudo está perdido. Pode representar uma luz no fim do túnel.

Entrevista com Francine Christophe, em 11 de setembro de 2015 . Human the movie.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXGfngjmwLA>